



**A DIVINA COMÉDIA
NO CORDEL**

Goulart Gomes

Virtualbooks

A DIVINA COMÉDIA NO CORDEL

Goulart Gomes

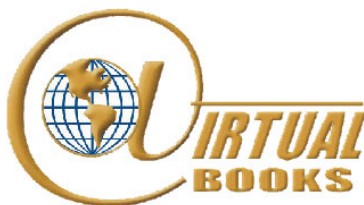
Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se algum suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: **vbooks03@terra.com.br** para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.terra.com.br/virtualbooks

Este livro foi escrito em 1984. Naquela época, tive o prazer de conhecer uma das personalidades mais importantes para o Cordel no Brasil, o sr. Rodolfo Coelho Cavalcante, que me estimulou a escrevê-lo.

Em 1988 eu faria a primeira revisão e publicaria o folheto, com tiragem de 1.000 exemplares. Agora, em 2001, estimulado pelo amigo Wladimir Cazé, resolvi disponibilizá-lo, revisto e atualizado, em formato digital.

Goulart Gomes

A DIVINA COMÉDIA NO CORDEL

Hoje só vende livro
Escritor de classe "A"
O povo nem pode comer
Que dirá livro comprar
E assim vai ficando fraco
Sem ler, sem se alimentar

Se a bóia enche o bucho
O livro enche o saber
É cultura adquirida
Em tudo que a gente vê
Cordel ou qualquer livro
É tudo bom de se ler

Resolvi, então, contar
Um sonho que me ocorreu
Não sei se foi sonho mesmo
Ou visão que apareceu
Contei ele ao seu vigário
O velho ensandeceu

É uma estória fantástica

Que, eu sei, nunca acontece
Com quem é certo da bola
Com quem reza e faz prece
Pequei em deitar sem rezar
Vou contar a quem interesse

Como tenho o costume
De ler antes de deitar
Peguei um livro na estante
E comecei a folhear
Depois fui lendo de leve
Sem querer me assustar

O nome do livro era
A Divina Comédia, de Dante
Um escritor da Itália
Um dos maiores gigantes
Do verso, da lei e da prosa
Memória de elefante

Neste livro ele narra
Um passeio que deu
Levado por outro poeta
Pra visitar quem morreu
No céu, purgatório e inferno
Onde mora o zebedeu

Por lá ele viu onde estava
Assassino, agiota e ladrão

Gente boa e gente ruim
Pastor, padre, sacristão
Político descarado
Quem no do povo meteu a mão

Fiquei muito impressionado
Com o livro que eu lia
Será que era possível
Falar com quem dormia
Debaixo de sete palmos
Da terra pesada e fria?

Sei que as almas tavam lá
Umás no fogo, outras no gelo
Tremendo, batendo queixo
Assando, soltando pelo,
Umás surdas, outras cegas
Sem olho, unha e cabelo

Fechei o livro e guardei
Deitei meio assustado,
Me enrolei de cima a baixo
E de olho arregalado
Fiquei, assim, muito quieto
Com um medo arruinado

O tempo ia passando
E nada de sono chegar

O sino batendo horas
Meia-noite ia dar
Quando sopra um vento frio
Daqueles de arrepiar

Eu disse: - Valha-me Deus
Que é chegada a minha hora
Adeus mundo, adeus casa,
Mulher, filho e nora
É agora o Apocalipse
E a Besta me leva embora

Foi quando ouvi uma voz
Falando no meu ouvido:
— Você na verdade pensou:
“Disso tudo eu duvido”,
Mas agora vou lhe mostrar
Pois nisso sou entendido

Eu sou Dante Alighieri
Já estive lá uma vez
Passei lá pelo inferno
Disto já sou freguês
Agora você vai por bem
Ou lhe arrasto com rês

Você não acreditou
Que eu já falei com morto
Mas agora quem vai falar

É você, sêo cabra torto
Jogou minha coberta fora,
Me arrastou por um horto

Depois do horto paramos
Num imenso descampado
Dante então me apontou
Um buraco destampado
Me deu um empurrão e disse:
— Pula aí, cabra safado

Pulei dentro do buraco
Mas já caí de mal jeito
Num pé de mandacaru
Que me arranhou o peito
Lasquei minha calça na bunda
Tamanho foi o trejeito

Eu disse: — Maldita hora
Que vim para este lugar
Já tô todo desgraçado
E mal comecei a entrar
Vou logo ver um modo
De pra casa voltar

Dante retou-se e disse:
— Daqui você não sai
Enquanto não ver o que vi
Não tem mãe e não tem pai

Que faça você sair
Com nada você não vai

Como não tinha jeito
Comecei a caminhar
Sempre atrás de Dante
Pelo pior a esperar
Descendo muitas escadas
Para no fundo chegar

Chegamos, enfim, no Inferno
O calor era danado
Um fedor brabo de enxofre
Emanava dos diabos
No fundo, uma poltrona
E nela Satã sentado

O chifrudo logo que viu
Dois estranhos no pedaço
Quis logo saber quem eram
Pegou o tridente de aço
Partiu em cima de Dante
Pra transformá-lo em bagaço

— Calma aí, dr. Satã
Dante logo gritou,
Não se lembra mais de mim
Aquele que aqui passou
Acompanhando Virgílio

E o sr cumprimentou?

O cão parou na corrida
Desabalada em que vinha
Falou: — Estou me lembrando
De você, sêo Figurinha
Corajoso feito rato
Medroso feito galinha

O que é que lhe traz aqui
Para este fim de mundo?
Pra cá só vem gente ruim
Cachorro, ladrão, vagabundo
Gente boa aqui não vem
Só traidor, porco imundo

Dante com muito medo
Falou assim ao rabudo:
— Trago aqui este vivente
Que diz duvidar de tudo
Peço sua permissão
Pra apresentá-lo aos chifrudos

O cão mirou, remirou
O meu corpo balouçante
Deu duas cuspidas no chão
E uma coçada no bufante
Falando, meio zangado
— Pode olhar, sêo tratante

Mas não mexa onde não deve
Sob pena de ficar
Para sempre no inferno
Ocupando o lugar
De Belzebu, Astaroth
Belial ou Balaah

Dante então começou
A me mostrar as profundas
Era gente levando taca
Largando o couro da bunda
Outros no meio de ratos
Sapos e cobras imundas

Dante disse: — Agora eu vou
Apresentar a você
Aquelas tristes figuras
Que só mereciam morrer
Bem antes do mal que fizeram,
Pra tempo não se perder

Joaquim Silvério dos Reis
Foi o primeiro infeliz
Que por trair Tiradentes
Perdeu dentes e nariz
Andava com a língua de fora
Falar com ele eu não quis

Não gosto de traidores
Não há justificativa
Pra se enganar um amigo
Nem perdão a quem pratica
Uma sujeira dessas
Uma atitude passiva

Depois veio o cangaceiro
Conhecido por Lampião
Enterrado até à cintura
Com um rato em cada mão,
Uma cobra em volta do corpo,
Parecendo um cinturão

Berrava que só um bode,
Tentando se sacudir
Pra espantar as formigas
Que lhe começava a subir,
Inda quis falar com ele,
Mas tive de desistir

Virei pra Dante e falei:
— Assim eu não quero mais,
Eu não falo com ninguém
Só ouço uais-uais,
Já vim, quero aproveitar
Falar com os animais

Dante falou: — Então vamos

Aquela ponte atravessar,
Segure-se pra não cair,
Vamos ver o que tem lá
Que aqui você num guenta
Termina por vomitar

Era o pavilhão dos ilustres
Só tinha personalidades
Conhecidas em todo o mundo
E em todas as idades
Famosos por sua frieza
E por suas crueldades

O primeiro era Hitler
Ditador da Alemanha
Que matou sete milhões
De judeus em sua sanha
De dominar a Europa
Da Rússia à Grã-Bretanha

Não só toda a Europa
Mas também o mundo inteiro
Germanizar Nova Iorque
Moscou e Rio de Janeiro
Trocar vatapá por chucrute
E mostarda por tempero

Fiquei muito admirado
De ver que nada sofria

Sentado numa cadeira
Parece que ninguém o via
Ficava falando sozinho
E ninguém o percebia

Logo que me aproximei
Ele alisou o bigode
Se empinou numa cadeira
E sacudiu o capote
Como quem quer mostrar
Superioridade e não pode

Perguntei como estava
O grande Adolfo ali,
Sem glória pompa nem nada
Como estava a se sentir
Sem tantos soldados em volta
E sem aviões a zumbir

— Não sei porque vim parar
Aqui nesta escuridão
Nunca fiz nada de mal
Ao grande povo alemão
Ao contrário mandei fazer
Metralhadora e canhão

Pra defender as fronteiras
Engrandecer a nação,
Fortalecer as divisas

Fazer de judeu sabão
Que é raça que nunca prestou
É tudo agiota e ladrão

Pra acabar com esta raça
Fiz campo de concentração
Só pra matar semita
Descendente de Adão
Político adversário
Cigano, eslavo e negão

Eu ia varrer da Terra
Tudo que não prestava
Bordel, vandalismo, roubo
Comigo tudo acabava
Mil vezes, se precisasse
Matava, matava e matava

Não sei porque estou aqui
A minha intenção era boa
Matar tudo que não presta
Embora a consciência doa,
Mas o tempo apaga tudo
E nele a miséria voa

O pior de tudo isso
É ficar aqui sozinho
Sem ninguém olhar pra mim
Sem atenção e carinho

O ódio a gente suporta
Mas desprezo é um cadinho

— Vamos andando, Dante
Por aqui já vi demais
Deixemos este condenado
Que nunca vai ter paz,
Eu quero ver logo o resto
Não quero demorar mais

Saindo daquele local
Fomos ver os ditadores
Onde estavam os homens
Que comandavam os horrores
Mortes em quantidade
E tantos outros terrores

Estavam num poço fundo
De sangue até o meio
Já muito coagulado
Poço danado de feio
E nele os homens boiando
E por cima levando rêio

Pois tinha um diabo acima,
Lascando de lá um chicote
Na cabeça dos danados
Que só faziam dar pinotes
Metendo a cara no sangue

Bebendo gosma de gole

No meio dos condenados
Estava o Mussolini,
Átila e Gengis-Khan
Josef Stalin e Lenine
O que é bom, a esses cães
Não tem mãe que ensine

Deixemos as eminências
Os líderes do terror
Que haviam muitos outros
De bem menos valor
Ladrão, juiz e político
Vigarista e até doutor

Ficavam estes criminosos
Expostos aos urubus
Aos animais carniceiros
Com os corpos todos nus
E eram então beliscados
Juntando ferida e pus

O calor tava danado,
O enxofre tava fedido
Chamei Dante pro purgatório
Local dos arrependidos
Que o fedor tava tremendo
O ar saturado, ardido

Passando pro purgatório
Fiquei mais aliviado
A coisa ali era melhor
Que o lugar do cão danado
Não era estação de férias
Mas era mais acalmado

Neste lugar ficavam
Os criminosos menores,
Os mais arrependidos
De todos os menos piores,
Que suportavam tranqüilos
Todas as suas dores

Pois dali eles partiam
Para locais de descanso,
Ali o pior de todos
Em tempos saía manso,
Mas deixa eu contar a estória
Senão, leitor, eu canso

Neste local estavam
Judas, Pilatos, Caifás,
Sem esquecer de citar
Herodes, Barrabás
Salomé e Herodíades,
O mau ladrão e Ananás

Muitos que viram Cristo
E nele não acreditaram
Que todos os seus conselhos
Com desprezo ignoraram
Chamaram-no de impostor,
Por isso se arrombaram

Cada um que participou
Da morte de Nosso Senhor
Estava arrependido
Do que crime que provocou
Um peso na consciência
Arrependimento e dor

Depois de terem ficado
No inferno por mil anos
Passaram ao purgatório
Pra pagar crimes nefandos
Por iniciativa própria
Ou seguindo um comando

Ficavam ali sozinhos,
Geralmente a chorar
Outros em crise louca
Davam pra se arranhar,
Morder os dedos das mãos
E o cabelo arrancar

As penas eram mais leves

Pra quem implorou perdão
E foi tirado do inferno
Por caridosa mão,
Para ali terminar a pena
Sem queimar no fogueirão

Tava ali um cabra ruim,
Que bateu na que o pariu
Quebrou a cara da mãe
Virado em um tiziu
Pena das mais terríveis
No Inferno ele cumpriu

Ficava amarrado no chão
Com mil baratas por cima,
Quem não aprende na Terra
O diabo é quem ensina
Sofreu por duzentos anos
Já estava no fim da sina

Um outro, quando era vivo,
Pegou o filho e capou,
Os testículos do menino
Num mourão amarrou
Ainda achou que era pouco
Pegou o menino e salgou

Ficou no Inferno amarrado
Pendurado pelo saco

Em cima de um fumaceiro
Que recendia a tabaco
E como se não bastasse
Um morcego em cada suvaco

Tinha um velho que eu soube
Ser um grande coronel
Que muita gente matou
Confundia mel com fel
Acreditando no padre
Que lhe mandaria pro céu

Esse coroa ficou
Por um só pé pendurado
De cabeça para baixo
Com o pescoço furado
A sangrar dia e noite
Até ficar esgotado

Foram tantas as torturas
Que os criminosos passaram
Que é difícil até falar
Felizmente acabaram
Ficavam ali recordando
A vida que levaram

Bandido é o que não faltava
naquele sinistro lugar
O nome de alguns deles

Eu agora vou citar,
Somente os mais perigosos
Vou agora enumerar;

Zé Fura-Olho, Maldoso,
Chico Cabrunco, Zóião,
Boiudo, Barba-de-Bode,
Chifrozo, Olho-do-Cão
Capacho, Lê-da-Bufa,
Esbofe e Pedro Cagão

Racha-coco, Mão de Vaca,
Malcheiroso, Desdentado
Vampiro, Estripador,
Leleu e Come-cagado
Gambá e Catingueiro,
Boca-de-Sapo e Levado

Bandido é o que não faltava
No tal do purgatório
Que tinha nego a purgar
Na base do supositório
Depósito de pagador
De finados, grande empório

Cheguei pra Dante e falei,
— Meu velho, dá um jeito
Da gente ir logo pro céu,
To cheio de ver defeito,

É homem faltando braço
É mulher faltando peito

Já vi muita miséria,
Bem mais do que queria
Todo tipo de castigo
Para toda covardia
Obrigado pela amostra
Você é muito bom guia

Mas acho que já tá bom
Já vi o que tinha de ver
Já vi o fogo do Inferno
Já vi todo miserê
Agora me leve pro céu
Que já tô pra endoidecer

Dante falou: — Acho justo
Eu acho que tá na hora
Vamos tomar outro rumo,
Daqui vamo-nos embora
Vamos ver almas boas,
Na terra de Nossa Senhora

Subimos dez mil andares
Num veloz elevador
Para ir de lá ao céu
Quatro horas se gastou
Mas eu estava feliz

Tinha acabado o horror

Quando o elevador parou
E a porta se abriu
Eu fiquei admirado
Com a cena que surgiu,
Não tinha nenhum anjinho,
Cadernos pra mais de mil

Havia uma sala enorme
Com uma mesa no fundo
Muitos livros nas estantes
Com todos os nomes do mundo
De pessoas que viviam
Do rei ao vagabundo

Ao fundo havia uma mesa
Com uma mocinha atrás
Acima, uma bandeira
Escrito: "Amor e Paz",
De uma porta do lado
Surgiu um esbelto rapaz

Ele disse: — Boa tarde
O meu nome é Gabriel
Sou um Anjo do Senhor,
Amigo de Rafael
E estou encarregado
De mostrar-lhes todo o céu

Eu estava admirado,
A sala era acarpetada,
Com muitos sofás macios
Toda bem iluminada
Sem haver uma só lâmpada
Sem janela e nem nada

Gabriel adivinhou
A minha admiração
Disse: — Aqui é tudo luz
Do teto até o chão
A claridade é natural
Como é a escuridão

Aqui não há o Nada,
Tudo aqui é positivo,
É vibrante, é energético,
É bom, é lindo, é ativo,
A morte aqui não existe
Tudo é Amor, tudo é vivo

Mas queiram me acompanhar
O aerobus nos espera
Vou mostrar-lhes o “paraíso”
Conhecerão nossa esfera
As inúmeras moradas
Desta palpável quimera

O aerobus era um carro
Que flutuava no ar
Dirigido a pensamento
Era só você pensar
Para onde queria ir
E ele se punha a andar

Que construções magníficas
Tivemos a graça de ver!
Edifícios se sucediam
De a conta se perder
Mansões para todo lado
Todas com o seu porquê
Gabriel nos explicava

Para que os prédios serviam
Grandes homens do passado
Ali se reuniam
De todas as fés e crenças
E idéias discutiam
O que mais me impressionava

Naquilo tudo que eu via
É que anjo de camisola
Na verdade não existia
Nem tampouco com asinhas,
Nem harpa por ali tinha
As almas que ali havia

Trajavam-se muito bem
Os homens com elegância
E as mulheres também
Com jóias e com pinturas
Ali não havia ninguém
Todos trajavam branco

Como as nuvens, a clarear
O ambiente já lindo,
Impossível se negar
Que ali realmente era o céu
Ou como queira chamar

Por cima dos edifícios
O aerobus flutuava
E de lá de cima Gabriel
Pacientemente explicava
Que nada ali se perdia
Tudo se aproveitava

Os prédios abrigavam
Os maiores humanistas
Que elevaram a Humanidade
Gênios, sábios artistas
Os que foram religiosos
Católicos, Islâmicos, Budistas

Pois que lá não havia
Mil e uma religiões

Agora só havia o interesse
De fazer com que milhões
De religiosos da Terra
Fortalecessem uniões

Religião só há uma
Como um único Deus
Contradições são bobagens
Disputas de fariseus,
Todos somos iguais
Budistas, cristãos, judeus

Estes homens emitiam
Do céu, fluidos vitais
Para alterar as idéias
E mandavam mil sinais
Para convencer os líderes
De que dogmas não há mais

Aterrissamos num parque
Passamos por um jardim
Entramos num edifício
Pra conhecermos, assim
Homens que ali trabalhavam
Numa labuta sem fim

Os gênios, ali, discutiam
As próximas atitudes
Que deveriam tomar

Pra enaltecer as virtudes
Os pontos a incentivar
Discutiam amiúde

Ali estavam, entre outros
Arquimedes e Platão
Gandhi e Rui Barbosa,
O Evangelista João
Que procuravam enaltecer
As virtudes do coração

Estavam por lá Voltaire,
O magnífico francês,
Machado de Assis, Castro Alves
Shakespeare, o inglês,
Kennedy e Abraham Lincoln
O presidente-camponês

Todos se preocupavam
Com o mundo, de forma geral
Sem dar privilégios à França
Inglaterra ou Portugal
Progredir toda a Terra
Era o objetivo final

Gabriel me falou:
— Esta é só uma sala
Deste imenso complexo
Dividido em mil alas,

Todas com muitos sábios
Sempre a abrilhantá-las

Perguntei a Gabriel
Quem é que dirigia
Toda a organização
Que por ali eu via
Ele disse: — Tinha certeza
Que essa pergunta farias

Em todo o imenso Universo
O Maestro é o Senhor
A Ele tudo obedece
Pois que é o Criador
Dentro das leis da Ciência
Da bondade e do Amor

Mas como todo líder
Tem o seu Ministério
O Pai coloca seus filhos
Maiores no magistério
De ensinar o Amor
Em vários hemisférios

Do Universo Infinito
Para melhor controlar
As várias áreas do mundo
Que tem que administrar
E a Bondade Infinita

Poder assim ensinar

No Hemisfério cristão
Onde a Terra se localiza
É Cristo o mestre maior
Que as graças do pai enfatiza
Lidera a Evolução
E as lutas do Bem organiza

Mas não faz tudo sozinho
O que não lhe falta é ajuda
Tem diversos assistentes:
Maomé, Confúcio, Buda,
Ajudantes permanentes
Nunca sujeitos a muda

Krishna, Lutero, São Paulo,
Kardec, Abraão e Jacó
São outros que nunca deixam
O Mestre a lutar só
São Francisco de Assis
Amenhotep, o faraó

Cada um em sua área
Cada qual em seu setor
Todos ligados a Deus
Pelos laços de amor
Com o mesmo objetivo
De acabar com a Dor

Que assola o universo
Pela falta de fé
Dos que habitam os mundos
Pois cada um só quer
Resolver os seus problemas
Ganhar dinheiro e mulher

E a fé, assim, vai caindo
Ninguém acredita em nada
Os Mestres já esquecidos
Na poeira da estrada,
Deixando aquelas pessoas
Todas muito preocupadas

Gabriel então falou:
— Vou mostrar o que resta,
Tomamos o aerobus,
Que pra mim era uma festa
Sobrevoamos Campinas,
Bosques, matas, florestas

Tudo ali era lindo
Cascatas, rios e flores
Nada de sofrimentos,
De gemidos e de dores
O ar nos chamava à vida
O som falava de amores

Gabriel nos falou:

— Chega a hora da partida
E o aerobus foi então
Para o portão de saída
Sair da imortalidade
Era uma grande desdita

Mas como diz o ditado:

Tudo que é bom dura pouco,
Se do inferno eu saí
Fedendo e já quase louco
Do céu não queria sair
Mais, este pobre caboclo

Antes já de sair

Me atacava a saudade
Das coisas que ali deixava
E por minha pouca idade
Muito terei que esperar
Pra voltar àquela cidade

Gabriel, na despedida,
Visivelmente emocionado
Disse que foi um prazer
Ter ali um encarnado
O último fora Dante,
Há muito tempo passado

Perguntei a Gabriel:

— Quando acaba a luta
Eterna de Bem e Mal,
Esta nefanda disputa
Que abala-me o juízo
E meu coração enluta?

Ele então me respondeu:

— Não sei se um dia termina,
Do Homem é que depende
E não da Vontade Divina,
Devido ao livre arbítrio
O homem faz sua sina

Se escolhe o mal,
É assim que preferiu
Destrói não a si mesmo
Mas a todos que iludiu
Angariando seguidores
Pobre de quem ouviu

Assim o mal prolifera
Mas cada dia um pouco menos
Os tempos hoje são outros
Mais calmos mais amenos
O mal por si se destrói
Cada vez mais chances temos

Mas saiba, está programada
Uma grande seleção

Recolheremos da Terra
Assassino, ateu, ladrão
Isso tudo já previa
No Apocalipse, João

O que todos pensarão
Ser o juízo final
Será o primeiro juízo
Para extirpar o mal
Da face de toda a Terra
Limpá-la do pantanal

Na qual se transformou
Por culpa só dos homens
Que só querem enriquecer,
Encher os abdomens,
Devorar os semelhantes
Qual avaros lobisomens,

Agora adeus, meus amigos
É hora de voltar
Vão com as nossas bênçãos
A Verdade divulgar
Contem tudo que viram
A quem lhes perguntar

Tirei um pulo da cama
O Sol já estava alto
Suava como um cuzcuz

Foi grande o sobressalto,
Joguei a coberta pra lá
Assustado como um pato

Dante não estava ali
Gabriel também não
Sumiu o cheiro de flores
Sumiu o fedor do cão
Não pisava mais nas nuvens
Pisava agora no chão

Mas que sonho invocado
Aquela noite achei de ter!
Vade retro, Satanás,
Ouça o que vou dizer
Sonho desse nunca mais,
Nem desejo a você

Lavei o rosto e voltei
Para a cama arrumar
Foi quando vi um papel
Que antes não estava lá
Peguei o papel e li,
O que dizia vou contar

“Irmão, que era descrente,
Leve a missão avante,
Divulgue o ocorrido
A doutor e mendicante

Que muito agradecerá
O seu amigo Dante”

Leitor, acredite ou não
Esta história é verdadeira
Não falei uma mentira,
Não falei uma besteira,
Comigo a coisa é séria
Não gosto de brincadeira

Não sei se você gostou
Mas eu gostei de escrever
Este cordel fantástico
Que você acabou de ler,
Se gostou, a você, obrigado
Se não, obrigado a você

APÊNDICE

Matéria publicada no jornal Correio da Bahia, 30 de novembro de 2000.

Das feiras ao futuro

Wladimir Cazé
(wladcaze@svn.com.br)

A nova geração de cordelistas não hesita em usar a internet como instrumento de divulgação e até a vetusta Academia Brasileira de Literatura de Cordel tem página na rede

Impresso em papel jornal, ilustrado por toscas xilogravuras e vendido em feiras de todo o país, principalmente no Nordeste, o folheto rimado reinou absoluto durante este século como a principal força da literatura popular, notável por seu poder de registro da sabedoria sertaneja e de episódios históricos. Os versos e as rimas do cordel propagaram informação e lazer para milhões de pessoas, ganhando, no final das contas, o posto de expressão nobre de nossa identidade e tesouro da tradição.

Na beirada do milênio, porém, o gênero se modifica e, para sobreviver, passa a circular em formatos alternativos, como livros e sites. O lançamento da coleção Biblioteca do Cordel, da editora Hedra (que prevê 50 títulos), os novos talentos cearenses revelados pela editora Tupynanquim, de Fortaleza, e "sítios" como o Cordel Net (www.elogica.com.br/users/honorio) são exemplos, entre muitos, de que a tradição se beneficia da tecnologia para evoluir. A nova geração de cordelistas não hesita em usar a internet como instrumento de divulgação e até a vetusta Academia Brasileira de Literatura de Cordel tem página na rede (<http://abldecordel.homestead.com/cordel.html>).

Naturalmente, o cordel se transforma também no conteúdo. Os típicos "romances", contos fantásticos, estórias de animais e anti-heróis, perfis de figuras popularizadas e políticos, bem como a tradicional "peleja" (disputa rimada entre dois repentistas) são, pouco a pouco, substituídos por fantasias futuristas e sátiras ao bravo mundo computadorizado. Não é raro encontrar títulos alusivos a fatos televisados, como a morte do piloto Ayrton Senna, o

Viagra e a Guerra do Golfo. Sem falar nos poetas que encarnam o protótipo do "cordelista internauta", rimando "tecnologia" com "poesia" e "inovação" com "tradição".

Mas os próprios folhetistas afirmam que isso não é novidade. Para eles, o novo cordel apenas resgata a vocação de falar de temas contemporâneos, característica do gênero desde sempre. Como no célebre *Bataclan*, de Firmino Teixeira do Amaral, que condena a moda da minissaia e as mocinhas de cabelo curto em versos incisivos:

"Com essas blusas modernas
as moças ficam mais ternas
com a cintura nas pernas
os braços todos de fora
e quem assim não usar
nunca terá de casar
se os sovacos não mostrar
morre velha e não namora".

A diferença é que hoje, entre a apologia da máquina e a denúncia da exclusão social intensificada pela informática, a literatura de cordel não recusa, mas, pelo contrário, precisa se adaptar aos novos tempos.

Inovação a serviço da preservação

O sítio Cordel Net (www.elogica.com.br/users/honorio) do folhetista José Honório, de Timbaúba (PE), é um dos principais exemplos da tendência que alia os versos simples da rima popular a temáticas contemporâneas. Nos cordéis publicados na página, Honório respeita a estrutura tradicional do gênero, tanto na forma das estrofes (sextilhas de sete sílabas), quanto nos temas (Lampião, Luiz Gonzaga, frei Damião), mas também aborda assuntos que não fazem da parte do Nordeste típico. Ele tem folhetos sobre o Viagra (*O remédio que faz o homem voltar a ser o que era*), a febre dos gadgets (*O filho que deu na mãe por causa dum tomagoshi*) e a axé music (*Com a dança da bundinha o povo segura o tchan*). Tomando o futuro como mote, *O marco cibernético* descreve uma utopia em que

"toda inovação
estará sempre
a serviço de uma preservação
dos nossos velhos costumes
sem ferir a tradição".

Na fantasia do folheto, a população da pequena Timbaúba recebe o progresso na forma de um avançado complexo tecnológico, o tal "marco cibernético", "programado em Autocad", no qual a multimídia é usada para divulgar música, arte e folclore nordestinos.

"Teremos CD-ROM sobre
embolador, violeiro
rezador, homem-da-cobra
doutor-raiz e vaqueiro"

, profetiza o cordel. Mas Honório também assina os versos da sátira social *O progresso e as mazelas neste final de milênio*, em que o mundo moderno é descrito do ponto de vista da massa de excluídos dos benefícios da ciência:

"Para que serve essa internet
que serve uma minoria
cuja maior parte vai
atrás de pornografia
enquanto milhões padecem
com a barriga vazia?"

, pergunta.

A página Cordel Net celebra o gênero com seções como a "galeria virtual da xilogravura", que mostra trabalhos de alguns dos principais ilustradores do gênero – como J. Borges e mestre Dila –, um levantamento dos folhetos que têm o frei Damião como tema e endereços de poetas populares e de suas associações. O sítio também dedica espaço à divulgação de folhetos de publicação recente, escritos por cordelistas da nova geração. Até agora, apenas um autor além de José Honório publicou na página: Djalma Júnior, também de Timbaúba, com um folheto retrospectivo sobre o ano de 1998.

Mesmo sendo um fenômeno recente, a difusão do cordel na internet já dá lugar a situações típicas, como as dúvidas quanto à autoria exata de um título. O estudante Rodrigo Teles Calado, 15, que mora em Luziânia (GO) e trabalha consertando computadores em casa, afirma ser o verdadeiro autor de *O marco cibernético*, que publicou na seção de cordel da comunidade de escritores Usina de Letras (www.usinadeletras.com.br) como obra sua. Indagado sobre a semelhança entre seu poema e o do cordelista de Timbaúba, ele responde de maneira lacônica: "Deve ter havido algum engano", diz. "O marco cibernético foi feito em conjunto, por e-mail, com sugestões minhas e de colegas e é como se fosse de todos." Plágio ou morte-do-autor à parte, Calado também assina um dos exemplares mais

curiosos do novo cordel: *Netmaniaco* narra a transformação de um internauta obsessivo em um terrível vírus de computador.

Outros novos cordelistas divulgam seu trabalho no Usina de Letras, como Marco Antonio Pereira Lima, 24, autor de *Encontro de Zé Ramalho e Raul Seixas na viagem para o Egito* e *Os Mutantes no chão de estrelas*. Lima é operador de computador e reside em Ferraz de Vasconcelos (SP), mas já morou na Bahia, onde tomou contato com o cordel. Seu trabalho parte do imaginário pop brasileiro para compor um mundo mágico, onde uma "peleja" entre o roqueiro baiano e o folk singer paraibano e um show conjunto dos Mutantes com os Rolling Stones são igualmente possíveis. "Sou amante da música e faço questão de colocar em pauta o que me fascina", explica o autor. Já no folheto *Decidido, mas iludido*, ele narra a estória de um rapaz de Salvador que arrisca a sorte em São Paulo.

O cordelista propõe a renovação do gênero. "Penso que, se se mantiver o padrão do cordel tradicional, a tendência é que ele se torne privilégio de poucos", observa. "Como os filmes de ação: às vezes o filme é ótimo, mas muitos não vão assistir porque é um gênero manjado. Quando se quer atrair um outro tipo de leitor, a solução é ousar e tentar fazer diferente do convencional", analisa. Lima vê na internet uma solução para a difusão do cordel. "Não existe saída para esse tipo de cultura aqui em São Paulo, não há outra forma de divulgação", reclama. "Mesmo assim, vejo que a divulgação do cordel pela rede ainda é um feto que toma forma".

Nova geração

Um dos principais articuladores da nova geração do cordel é Antônio Klévisson Viana, 28, cearense de Quixeramobim e criador da editora Tupynanquim, de Fortaleza, que publica cordel há um ano e já lançou mais de 30 títulos do gênero, alguns com tiragem de 5.000 cópias. Só esta semana saem 29 novos folhetos. O catálogo da Tupynanquim inclui veteranos -como José da Costa Leite e Vidal Santos – e novos talentos da capital e do interior do estado. "A gente está preocupado em publicar o folheto tradicional, mas também quer inovar falando de temas atuais", diz Viana, autor de *O mototáxi que matou a mãe por um real*, folheto de muito sucesso em Fortaleza. Ele escreveu há pouco tempo um cordel com tema a seu ver "atualíssimo": *Martírios de um alemão ou o conto da Cinderela* conta as desventuras de um turista que cai nas mãos das prostitutas da orla de Fortaleza. "Esse é o primeiro cordel que tem sotaque alemão", gaba-se o poeta, imitando a prosódia germânica.

Em janeiro, a Tupynanquim estréia na rede com uma home-page. Viana, que também faz xilogravura, caricatura e HQ, acredita que o diálogo com a multimídia é o caminho para a sobrevivência da cultura de raiz. "Procuro utilizar essas novas ferramentas, porque elas têm uma boa aceitação e são meios de fácil assimilação para os jovens", explica o cordelista, que vê a busca do novo como característica do gênero desde os seus primórdios. Ele conta que Leandro Gomes de Barros, que viveu no final do século passado e é considerado o "pai do cordel", sempre procurou inovar o formato do folheto. "Antes dele, as estórias passavam de mão em mão. Foi ele quem começou a publicá-las. Além disso, ele escrevia sobre trens e viagens à lua", detalha. Viana garante que o cordel mais famoso de todos os tempos, *O Pavão misterioso*, de José Camelo, não é outra coisa senão um romance futurista. "O personagem principal aperta um botãozinho e a ave se transforma numa mala", ilustra. Ainda segundo o artista, caricaturas e fotografias estampavam-se nas capas dos folhetos antes mesmo da incorporação da xilogravura ao cordel, nos anos 40. "Na capa do *Cachorro dos mortos*, Gomes de Barros usou uma foto de um cachorrinho tirada de um dos clichês que ele comprava de jornais, mais ou menos como hoje se compra CDs de clip-art", compara Viana.

O poeta baiano Goulart Gomes, 35, relaciona os cordéis que abordam temas contemporâneos ao caráter "jornalístico" do gênero, que deveu a folhetistas como o também baiano Cuíca de Santo Amaro (1909-1964) o epíteto de poetas-repórteres. "Uma das facetas do cordel é retratar fatos do momento, o que é, ao mesmo tempo, uma renovação e um prolongamento da tradição", diz Gomes. "Renova-se a temática, mas a tradição se mantém".

Gomes pôs na rede trechos de seu folheto *A Divina Comédia no cordel* (www.geocities.com/goulartgomes/cordel.htm), paródia ao poema alegórico do italiano Dante Alighieri. O poeta diz que esta é sua única, mas não última experiência no gênero e, seguindo a trilha do cordel de ficção científica, adianta que pensa em escrever algo como *O Brasil na máquina do tempo*, folheto no qual pretende lembrar fatos esquecidos da história do país. "Escrever cordel é fazer chegar cultura, informação e conhecimento a quem mais precisa: pessoas de pouco poder aquisitivo", define, citando o historiador grego Heródoto, para quem o registro dos fatos deve ser feito para que os erros do passado não sejam repetidos. "Nós, no Brasil, vivemos incorrendo nos mesmos erros por conta da nossa amnésia histórica", lamenta Gomes.

Entre o resgate do passado e a fantasia do futuro, o cordel se modifica e se perpetua.

Cante de lá que eu canto de cá

MAIS DE 13 MIL títulos compõem o acervo da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (<http://abldecordel.homestead.com/cordel.html>), que fica em Santa Teresa (RJ). A ABLC organizou este ano o III Concurso Nacional do gênero e lança no próximo dia 18 de dezembro o sétimo volume da *Antologia brasileira de literatura de cordel*. Pena que a página da Academia não traga nenhum folheto da coleção.

A REVISTA ELETRÔNICA mensal de folclore e cultura popular Jangada Brasil (www.jangadabrasil.com) já publicou, na seção Cantoria, diversos clássicos do cordel, como *A chegada de Lampião no Céu*, de Rodolfo Coelho Cavalcanti, *A vaca misteriosa que falou profetizando*, de José Costa Leite, *Jesus Cristo, São Pedro e o ladrão*, de Manuel d'Almeida Filho, além de Bataclan. Pequenos comentários biográficos sobre os autores acompanham cada folheto.

O VASTO SÍTIO DO JORNAL DA POESIA (www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html), organizado por Soares Feitosa, traz uma boa seção sobre o cordel nordestino. No subendereço www.secrel.com.br/jpoesia/flo01.html, texto dos pesquisadores Francisco Linhares e Otacílio Batista explica os formatos consagrados da poesia popular, como o moirão (ou mourão), martelo agalopado, galope à beira-mar, quadrão e meia quadra.

A EDITORA HEDRA deu início este ano à publicação dos 50 volumes da coleção Biblioteca do Cordel, antologia dos nomes mais expressivos do gênero. Cada livro traz poemas de um autor e um texto biográfico, escrito por especialistas em sua obra. Oito títulos já foram lançados, entre eles *Patativa do Assaré*, *Cuíca de Santo Amaro* e *Rodolfo Cavalcante*. Cada volume tem 120 páginas e custa R\$ 10.

O ZINE ELETRÔNICO pernambucano Manguetronic (www.manguetronic.com.br) publicou o precioso cordel *Aonde o samba nasceu*, escrito por João José da Silva, nascido em Pombos (PE) em 1922. No folheto, o poeta arrisca uma hipótese bastante heterodoxa para a origem do ziriguidum:

“Era samba, aquele ritmo
que os índios tanto gostavam
flauta, maracá, pandeiro
eles contentes tocavam”

DA MANGUETOWN, Recife (PE), chega a notícia de que Paulo Caldas e Marcelo Luna, diretores do documentário *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas*, encomendaram ao escritor paraibano Bráulio Tavares a confecção de um cordel baseado na película. Nos versos, Tavares interpreta à sua maneira a chocante história do justiceiro Helinho.

PRINCIPAL EDITORA da literatura de cordel fora do Nordeste, a Luzeiro, localizada no bairro do Brás, em São Paulo, já atravessou oito décadas e é tema do artigo acadêmico *Editora Luzeiro - Um estudo de caso*, de Ana Raquel Motta de Souza (www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/raquel.html). A pesquisadora entrevistou Arlindo Pinto de Souza, fundador e proprietário da editora até 1995, e Gregório Nicoló, o atual dono. O trabalho integra o projeto Memória de Leitura, da Unicamp (www.unicamp.br/iel/memoria/index.htm).

A XILOGRAVURA POPULAR, que se tornou quase sinônimo de literatura de cordel, pode ser apreciada no Varal (www.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html), exposição on-line dos livrinhos da coleção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP). O acervo, composto de 373 publicações, é resultado da excursão de uma equipe de pesquisadores aos estados da Bahia, Pernambuco, Ceará e Paraíba, em 1969.

O ARTIGO *O Icônico e o textual na literatura popular em verso do nordeste*, da professora Francisca Neuma Fachine Borges, da Fundação Casa de José Américo, Universidade Federal da Paraíba, pode ser lido no subendereço www.ufba.br/~edigt/artigo6.html, que integra edição dedicada às literaturas popular e oral da revista eletrônica do Departamento de Letras da Ufba.

A RELIGIÃO BAHÁ'I possui em sua página ponto-br (www.bahai.org.br/cordel) a seção Jóias da cultura popular, onde o cordel é abordado em textos dos pesquisadores Eduardo Diatahy de Menezes (*Das classificações temáticas da literatura de cordel: Uma querela inútil*) e Américo Pellegrini Filho (*Literatura de Cordel continua viva no Brasil*). Dois folhetos do cearense Antônio Gonçalves da Silva, o célebre Patativa do Assaré, também podem ser lidos no sítio: *ABC do Nordeste flagelado* e *Aos poetas clássicos*. A curiosidade fica por conta do cordel *As três figuras centrais da fé Bahá'í*, de Lenine Fiuza Lima, da Academia de Letras do Distrito Federal, no qual são contadas as vidas e os

feitos de Báb, Bahá'u'lláh e Abdu'l-Bahá, os três personagens que, de acordo com a tradição bahá'i, anunciam a glória de Deus.

BIOBIBLIOGRAFIA

GOULART GOMES (01/05/65), poeta baiano, criador e coordenador geral do Movimento Internacional **POETRIX**, fundador e presidente do Grupo Cultural **PÓRTICO**.

Publicou os livros de poesias **ANDA LUZ (87)**, **TODO DESEJO (90)**, **SOB A PELE (94)**, **TRIX**, **POEMETOS TROPI-KAIS (99)**, **LINGUAJÁ**, **O TERRITÓRIO INIMIGO (2000)**, a peça **A GREVE GERAL (97)**, além de **A DIVINA COMÉDIA (cordel, 1989)**, **FRACTAIS (livreto, 1995)**, **MAIS FRACTAIS (disquete, 1997)** e **O DOM DE AMAR (cartões-poemas, 1999)**.

Obteve 50 prêmios em concursos de poesia, prosa e festivais de música, sendo os mais importantes a **MENÇÃO ESPECIAL** no Prêmio Jorge de Lima, da Academia Carioca de Letras e União Brasileira de Escritores – RJ, em 2000, pelo livro **TRIX POEMETOS TROPI-KAIS** e a **MENÇÃO HONROSA** no Prêmio Joaquim Norberto, da União Brasileira de Escritores - RJ, em 2001, pelo livro **LINGUAJÁ, O TERRITÓRIO INIMIGO**.

Integrou 27 antologias, no Brasil e em Cuba, Espanha, USA, Itália e Coréia do Sul.

Homepages:

<http://www.pagina.de/goulartgomes>

<http://poetrix.vila.bol.com.br>

E-mail: goulartgomes@hotmail.com